

Beauvoir: O saber e a ação do sujeito político feminino

Magda Guadalupe dos Santos
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Brasil.

Ao se pensar sobre a complexa questão da *igualdade* e dos direitos com ela relacionados – especialmente o direito à *diferença* – volta-se ao dilema¹ da cidadania² e à ênfase na participação política. Para analisar tais relações, entendo ser necessário proceder a alguns níveis de leitura de cunho temporal, formal e conceitual, que possibilitam certa precisão interpretativa.

1. Relação ético-política e o imaginário cultural.

Na busca histórica da cultura pela melhor *politeia* – aquela que se mostra a mais justa –, define-se o ideal de liberdade participativa e *igualitária*, na regulação da lei sobre os atos de decisão humana. A lei ou o direito aparecem como o oposto da *hýbris* social em todas as formas e contextos temporalizados e, portanto, como "a razão codificada da liberdade consensual."³ A pretensão à ética universalista, aparentemente *neutra*, registra-se em momentos específicos da trajetória política no Ocidente, sempre consubstanciada pelas teorias metafísicas e gradualmente amadurecida pelas teorias modernas de transições políticas.

Justamente esse ideal teórico-político em suas variações filosóficas, que se propõe, inclusive, ético, pois visa demarcar uma constância de agir, revela-se, da ótica crítico-feminista, como identificação a padrões masculinos de ser e de coexistir⁴ e a invenção do exercício da razão política vê-se plena de lacunas e paradoxos da cultura. A invenção do espaço político e da figura do poder a ele subsequente, gerou a oposição fundamental destes com a dimensão privada⁵, determinante dos papéis feminino e masculino em bases dicotômicas.

A figura do poder passará, no processo de consciência histórica, a ser assumida como um intercâmbio entre sujeitos que tendem a uma constante inversão de lugares entre si, mas, sobretudo, em um contraste binário⁶ de relações entre os gêneros. Embora nos diversos momentos históricos se realize o processo de suposta construção de formas *igualitárias* de vida política, igualmente verifica-se haver, nos mesmos momentos, como menciona Butler, a "radical dependência do sujeito masculino"⁷ do horizonte da alteridade feminina, exibindo-se sua ilusória autonomia.

Nesse percurso da construção do *imaginário cultural* de dicção masculina, cumpre verificar quais elementos foram carreados e criticados em *Le Deuxième Sexe*, enquanto obra filosófico-antropológica determinante para a ressignificação dos movimentos feministas a partir dos anos 60.

¹ Cfr. Bonacchi (1995:11-25).

² Cfr. Carvalho (2002: 221-242).

³ Cfr. Hegel. (1990: § 4, 29).

⁴ Cfr. Hodgson-Wright (2006:5).

⁵ Cfr. Humphreys (1983:21).

⁶ Cfr. Butler (1990:vii).

⁷ Cfr. Butler (1990:vii).

2. A transmigração de valores em *Le Deuxième Sexe*

As sutilezas do *imaginário* discutidas por Simone de Beauvoir merecem ser questionadas em níveis específicos de leitura, a saber, o *formal* e o *histórico-conceitual*, possibilitando que se entenda a recepção de seu pensamento nas diversas correntes interpretativo-feministas.

Beauvoir apresenta modelos pouco sistêmicos e provocativos de ler o mundo. Da heterogênea ótica existencialista do século XX, questiona as manifestações históricas de seu tempo em seu atavismo axiológico, num processo de retomada do sentido do ser e das questões que envolveram a leitura metafísico-política no Ocidente. Desse modo, traz à cena filosófica a passagem dialética do *individual* ao *universal*, da imanência à transcendência, deparando-se com o dilema da *situação*, que temporaliza o existir humano e desperta a consciência histórica e paradoxal do instante vivido.

Na dimensão *histórico-conceitual*, Beauvoir se debruça sobre o polêmico problema do *feminino*⁸ na história da cultura⁹, retomando-o nas tematizações filosóficas.

Vale observar, criticando-se os fundamentos do ser e do existir, o *feminino*, enquanto um termo controverso¹⁰, é apresentado como metáfora da alteridade caricaturada de um tempo, bem como encarnação da condição de não-paridade jurídico-política. O *feminino* pode ser compreendido como oposição cultural ao masculino, assumido como pretenso padrão de universalidade, embora possa também nomear o conjunto pouco homogêneo de uma suposta *natureza* e de uma composição cultural que tornou possível a recorrente indagação originária, qual seja: “o que é uma mulher?”¹¹ Mas, nos textos de Beauvoir, o *feminino* é também o que questiona a estabilidade do poder e das prerrogativas masculinas, é o que interroga o sujeito humano sobre suas próprias certezas.

Especificamente em *Le Deuxième Sexe* e nos textos de Memória, ela atribui ao ser Mulher uma dimensão existencial, proporcionando-lhe um dinamismo interpretativo singular. Beauvoir reflete sobre as novas condições da existência no mundo do pós-guerra, que não se reduzem à simples crítica das formulações culturais. *Le Deuxième Sexe* constitui um esforço interrogativo e descritivo, mas não deontológico e, portanto, realista¹², mas, sobretudo, histórico¹³ de a Mulher sempre em *situação*. Kruks alerta para o fato de que essa obra, juntamente com técnicas desconstrutivas da pós-

⁸ sobre a complexidade temática Cfr. Beauvoir (1976, I:12-13). “S’il n’y a plus aujourd’hui de féminité, c’est qu’il n’y en a jamais eu. Cela signifie-t-il que le mot ‘femme’ n’ait aucun contenu?”; ou ainda, “Refuser les notions d’éternel féminin, (...), ce n’est pas nier qu’il y ait aujourd’hui (...) des femmes: cette négation ne représente pas pour les intéressés une libération, mais une fuite inauthentique. Il est clair qu’aucune femme ne peut prétendre sans mauvaise foi se situer par-delà son sexe.”

⁹ Em revisão a suas próprias formulações culturais, Cfr. Beauvoir (1979:269). “Quand j’ai commencé à écrire, nombreuses étaient les auteurs féminins qui refusaient d’être classés précisément dans cette catégorie (...) Nous rejetons la notion de littérature féminine parce que nous voulions parler à égalité avec les hommes de l’univers tout entier. Nous le voulons toujours. Seulement la récente évolution du féminisme nous a fait comprendre que nous occupons dans cet univers une situation singulière et que, loin de renier cette singularité, il nous faut la revendiquer. Est-ce à dire que pour écrire nous devons nous inventer un langage spécifique? Certaines d’entre nous le pensent: pas moi.”

¹⁰ Há justificadas preocupações feministas, que tentam demarcar um lugar político longe dos valores patriarcais, e que apontam para as controvérsias acerca do termo em suas identificações com um modo de ser *feminino* de cunho maternal, tais como se apresenta na introdução Cfr. Barrancos (2008:7-19).

¹¹ Cfr. Beauvoir (1976,I:13). “Si sa fonction de femelle ne suffit pas à définir la femme, si nous refusons aussi de l’expliquer par ‘l’éternel féminin’ et si cependant nous admettons que, fût-ce à titre provisoire, il y a des femmes sur terre, nous avons donc à nous poser la question: qu’est-ce qu’une femme?”

¹² Cfr. Kruks (1992,18,1:93).

¹³ Cfr. Kruks (1992,18,1:91).

modernidade, tornou possível a leitura de que ser Mulher é ser dotada de *subjetividade*, *autonomia* e *responsabilidade* que se constroem numa dimensão corpórea com atributos sociais¹⁴.

No nível da leitura *formal*-conceitual, acredito que Beauvoir não discorre sobre o mundo por meio de dualidades como pensam alguns intérpretes¹⁵. Pelo contrário, criticando as formas duais a que se vinculou historicamente a condição feminina (natureza e cultura, essencial e inessencial), ela critica a separação entre o público e o privado como o *tópos* dos condicionamentos femininos, questionando as noções de *féminin*, de *femelle* e a polêmica noção de *femme*, que traduzimos como a Mulher. Ademais, sua vida sempre foi um contínuo desdobramento desses planos, trazendo à escrita sua vida e pensamento como um desafio contínuo a ser enfrentado. Sua análise da situação existencial do século XX vai-se orientando para o problema da opressão feminina, que, em última instância, está relacionada com a opressão humana.

Sua linguagem direta causa impacto numa leitura superficial. Mas toda leitura pressupõe a interação entre leitor e texto, pois, conforme Iser¹⁶, o texto é formado de enunciados com *vazios* que exigem do leitor o seu preenchimento. A comunicação depende, assim, de forçar-se o leitor à “mudança de suas representações projetivas habituais”. Sem dúvida, *Le Deuxième Sexe* provoca isso em cada uma de nós, na medida em que aponta a mescla de âmbitos de realidade em que se insere a dimensão feminina. Pode-se dizer que o *Prefácio* da obra é um verdadeiro *proêmio* poético, anunciando não apenas os *cantos* posteriores, mas também as bases axiológicas¹⁷ da cultura e as deformações de um corpo mutilado por um *imaginário* cultural misógino e preconceituoso, que distanciou os gêneros e, sobretudo, as mulheres entre si.

2.1. *Mythos e Historia*

No conjunto, o que demonstra o mérito maior dessa obra é precisamente a forma como Beauvoir registra os contrastes vividos e descritos nos vários capítulos. Como é próprio da Filosofia discorrer sobre as condições da realidade pelo viés de conceitos e de princípios, ela não foge às regras epistemológicas, mas aponta para a inconclusão conceitual que permeia o *feminino* e enfrenta a conceituação tradicional munida de novos signos¹⁸. Em vez do tradicional princípio da *identidade*, ela opta pelos princípios da *ambiguidade*¹⁹, da *diferença*, e, sobretudo, da *alteridade*²⁰, demonstrando sua validade e redefinindo, por meio deles, os planos interpretativos da existência humana. Sei que causa estranheza a nossos ouvidos ouvir o termo *feminino* como algo que possa referendar a dimensão feminista em seu percurso histórico. Mas é como um dado lacunoso, que provoca contínuas indagações, que reitero ser ele o mais indicado para registrar os dilemas do ser Mulher que encontram guarida nos textos de Beauvoir. Nesse contexto, os níveis formal e histórico interagem.

Alguns capítulos de *Le Deuxième Sexe* mostram o registro crítico ao *imaginário* da *cultura* ocidental. A descrição do ser Mulher desvela um processo de educação preconceituosa do olhar, sob a tônica de uma forçada subordinação às leis dos homens e

¹⁴ Cfr. Kruks (1992,18,1,91)

¹⁵ Cfr. Lilar (1970:90).

¹⁶ Cfr. Iser (1987:175).

¹⁷ Le Doeuff (1980:277). “‘To be read, and reread’ would seem to be the only possible commentary.”

¹⁸ Cfr. Beauvoir (1976,I:31). “Le drame de la femme, c’est ce conflit entre la revendication fondamentale de tout sujet qui se pose toujours comme l’essentiel et les exigences d’une situation qui la constitue comme inessentielle. Comment dans la doncdition féminine peut s’accomplir un être humain? Quelles voies lui sont ouvertes?”

¹⁹ Cfr. Beauvoir (1976,I:31).

²⁰ Cfr. Beauvoir (1976,I:16). “La catégorie de l’Autre est aussi originelle que la conscience elle-même.”

à verdadeira inversão histórica. Investigando os caminhos em busca da independência, nos quais a Mulher se vê acompanhada de uma mistificação de valor, Beauvoir procede, na segunda e terceira parte do primeiro volume, a um jogo de intercâmbio axiológico-metodológico, através do qual insere referências *míticas* no campo da *História* e dados históricos no campo do *Mythos*. Certamente não se trata de equívocos, mas de uma demonstração irônica de como se forma um *discurso* em que se misturam, sem horizontes definidos, história e imaginação, com detectáveis inversões.

O discurso mítico é essencialmente uma narrativa mágica²¹ que se define não pelo *tema*, mas pelo *modo* como se narra, por meio de *analogias* e *metáforas*; sua função é resolver, num plano imaginativo, conflitos e antagonismos que não encontram solução no plano da realidade. Ora, as figuras do *feminino*²² sempre foram alvo da fantasia masculina e, nesse plano, foram assumidas por uma dimensão cultural esvaziada de seu valor histórico e apenas excepcionalmente sua dignidade social foi reconhecida.

No capítulo referente aos *Mythoi* – uso o termo grego para marcar que se trata de um discurso –, Beauvoir observa que, diante dos poderes concretos masculinos, sempre se julgou útil manter a Mulher em estado de dependência, os códigos tendo sido estabelecidos contra ela. Sua condição de alteridade servia os interesses dos homens e se lhes mostrou sempre conveniente. Além disso, tratando dos tabus, ela reconhece a complexidade da imagem mítica da Mulher, a um só tempo ídolo e serva, fonte da vida e força das trevas, o que torna suas representações confusas e de difícil assimilação²³. As figuras da Mulher simbolizam a *hýbris* que desafia o *lógos* do Ocidente, como na figura trágica de Clitemnestra, puro *pathos*, desmedida e desrazão na dimensão privada e não-política do *oikos*.²⁴

Essa dimensão privada torna-se, assim, o espaço feminino privado de sentido, pois confinado a uma heteronomia arbitrária. A Mulher na história está sempre sob tutela, seja do marido ou do Estado, sendo representada como um grande *mal*, constrangida a uma encenação eterna de obediência e desobediência, de lágrimas e injúrias²⁵. Diante da indagação se Beauvoir estaria realmente apontando apenas para os limites do imaginário antigo ou fazendo dele uma metáfora dos percalços do *feminino* na cultura, entendo que ela deseja mostrar que texto, história e leitores se completam culturalmente. Seu texto se dispõe como uma regra de jogo que oferece a possibilidade de ativar nossas capacidades críticas frente ao mundo e a nós mesmas. Possivelmente estamos diante de um *pacto*²⁶ de leitura que cumpre interpretar à luz de contínuas transformações axiológicas.

²¹ Cfr. Beauvoir (1976,I:242). “Il est toujours difficile de décrire un mythe; il ne se laisse pas saisir ni cercher, il hante les consciences sans jamais être posé en face d’elles comme un objet figé. Celui-ci est si ondoyant, si contradictoire qu’on n’en décèle pas d’abord l’unité.”

²² Cfr. Brandão (1989:17). “A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. (...). É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, neste espaço privilegiado que a ficção torna possível.”

²³ Cfr. Beauvoir (1976,I:254). “L’Homme se défend contre la femme en tant qu’elle est source confuse du monde et trouble devenir organique.”

²⁴ Cfr. Beauvoir (1976.I:134) “Oreste assassine aussi Clytemnestre. (...) En absolvant Oreste, le tribunal des dieux proclame qu’il était le fils d’Agamemnon avant d’être celui de Clytemnestre. Le vie. (...) La vieille philosophie grecque, que Platon sur ce point ne dément pas, a montré que l’alterité este la même chose que la négation, donc le Mal.”

²⁵ Cfr. Beauvoir (1976:150). “...elle pouvait accabler son époux de scènes, d’e larmes, de bavardages, d’injures, le mariage destiné à asservir la femme était aussi pour le mari une chaîne.”

²⁶ Cfr. Sartre (1985:205-206).

3. A releitura de um tempo e a recepção da obra

A recepção de *Le Deuxième Sexe* produz efeitos variados, que denominaremos de *exógenos* e *endógenos*.

Judith Butler,²⁷ numa recepção *exógena*, entende que a legendária expressão “não se nasce mulher, torna-se mulher” determina a distinção entre *sexo* e *gênero*, convertendo-se, pois, no modo da aculturação corpórea, para além de um destino crivado na anatomia. Assim, *gênero* seria um processo ambíguo de autoconstrução, presente no verbo *tornar-se*, que abarcaria o ato proposital de assumir um estilo corpóreo de significados. Contudo, sob o prisma da ambiguidade, pensa Butler, esse verbo aponta também para uma determinação passiva, construída por “um sistema personificado de linguagem patriarcal e falocêntrica”,²⁸ o que impõe indagar sobre os mecanismos específicos dessa construção.

O amplo conceito de *gênero* deve estar assimilado a uma realização de *possibilidades*, isto é, mesmo que se nasça com um corpo físico de mulher, o ato de *tornar-se* Mulher pressupõe, ainda para a autora, um processo de apropriação e reinterpretação advindo de possibilidades culturais. Para assumir as características de *gênero*, haveria que se submeter a uma *situação* cultural que, dialeticamente, incita a participação no ato de criação dessa mesma *situação*. Assim, o entendimento da famosa expressão leva em consideração as bases do ato de compromissar-se, de engajar-se, nos moldes existenciais, sofrendo o impacto da cultura, mas a ela também impondo as suas determinações. Essa interpretação é importante na medida em que indica a transformação de *sexo* em *gênero*, pelo pressuposto de uma forma corpórea interna de vida²⁹. Se a submissão a normas e padrões culturais é algo evidente, também a possibilidade de se avocar um corpo como próprio e de revesti-lo de significados específicos é um modo de se admitir um gênero, construindo seus possíveis sentidos³⁰.

De fato, Butler aponta para algo bastante peculiar no pensamento de Beauvoir, que ela entende identificar-se à questão de *gênero*. Os artifícios conceituais presentes em *Le Deuxième Sexe* moldam-se como um projeto contínuo de atos interpretativos e reconstrutivos, pressupondo a mudança de uma estrutura epistemológica, presente no pensamento existencialista sartriano, para um “significado cultural concreto”.³¹ Ressalta-se, pois, o caráter transitivo do pensamento de Beauvoir e sua capacidade de passar do saber à ação concreta.

Grandes nomes do pensamento feminista, como Lloyd e Pateman³², entretanto, afirmaram que o enfoque beauvoiriano constitui um *desvio* que pode ser considerado “errado”, em vista da utilização e reforço “de uma linguagem fraternal” e “de epistemologias masculinizadas”³³. Como ressalta Tarrant, ao longo desses 60 anos houve também quem tivesse considerado *Le Deuxième Sexe* como uma verdadeira manifestação de uma “mulher neurótica”³⁴, além de que, para outras, seu pensamento é obsessivo.³⁵ No meu entendimento, isso apenas ressalta como esse livro provocou um grande impacto, fazendo-nos pensar quais as condições para se estabelecerem bases de

²⁷ Cfr. Butler (1986: 35-43).

²⁸ Cfr. Butler (1986:36).

²⁹ Cfr. Butler (1986:39).

³⁰ Cfr. Butler (1986:40).

³¹ Cfr. Butler (1986:40).

³² Não podendo ser esquecido a grandeza interpretativa dessa autora acerca do “contrato sexual”, como meio de desarticular “minuciosamente o modo como se produzem algumas contradições” no direito patriarcal, Cfr. Femenías (2000:87).

³³ Cfr. Tarrant (2006:166).

³⁴ Cfr. Tarrant (2006:170).

³⁵ Cfr. Lilar (1970:16).

sustentação daquilo que almejamos ser, enquanto mulheres lançadas num mundo de homens, o qual devemos continuamente reconstruir. A provocação *exógena* diz respeito ao fato de que *Le Deuxième Sexe* ressalta uma dimensão especular com a qual as imagens caricaturais do *feminino* não podem coincidir, com, por exemplo, a da Mulher *enfeite*, brinquedo ora sedutor, ora perverso, com atributos de um “perfume estonteante”³⁶. Tais atributos, ressalta Beauvoir, tornaram a Mulher um ser privilegiado em *mistérios* e afastado de uma figura real.

Ora, essas construções não deixam de ser também aquelas que, em outras análises, levam Butler³⁷ a ressaltar que o termo Mulher está sempre em construção, sem uma origem ou um fim determinado. Tal como *gênero*, ele se vê sempre regulado por várias significações sociais, o que indica que, já em Beauvoir, o ato de *tornar-se* Mulher pressupõe a recusa de um aspecto teleológico que pudesse orientar o processo de aculturação, a ponto de fixar-lhe um limite.

A interpretação de Butler é peculiar por duas razões: aponta as sutilezas do pensamento de Beauvoir e as suas raízes feministas retomadas ao longo dos tempos; e estabelece, com ele e por meio dele, uma radical crítica às formas teleológicas e metafísicas³⁸ que pretendem normatizar e valorar nada mais do que simples aparências de ser que se projetam como rigidamente substantivadas. O ato de *tornar-se* mulher é, pois, uma ação aberta a ressignificações e sua contínua releitura prova a validade dos suportes teóricos do polêmico ensaio de 1949.

3.1. A força da idade, das coisas e do tempo

Pensar os desafios da relação de igualdade e liberdade proposta por Beauvoir corresponde a examinar o papel de uma interpretação feminista do mundo, em sua inspiração inaugural, considerada como expressão de uma segunda fase do processo de reivindicações emancipatórias. Mas o que se encontra também na leitura de seu pensamento, agora de forma *endógena* – ou seja, relacionando-se *Le Deuxième Sexe* com as obras de memória, como *La Force de l'âge* e *Tout compte faits* – é o desafio de uma escrita nova, capaz de ocupar “um lugar difícil, bastante ambíguo”³⁹, na aproximação da tradição e dos projetos futuros.

A escrita de Beauvoir – e o termo *escrita* pressupõe tanto a representação de idéias por meio de sinais de um tempo, quanto um sistema mnemônico construído como registro dos acontecimentos – traz em si as evidências da junção entre suportes teóricos e a importância da *situação* enquanto um dado de envergadura política que desmascara a pretensão de uma verdade única. Essa escrita revela os traços culturais que envolvem o mundo dos homens, o qual é também o das mulheres⁴⁰, onde sentido e norma ganham espaço, numa dicção nada neutra, mas específica de gêneros e de grande atualidade.

Ao se tentar compreender os elementos constitutivos desse universo conceitual e político, verificam-se as abordagens feministas que se tornam signatárias do pensamento de Beauvoir e passam a assumir o ato contínuo de reivindicações e de efetivação de transformações em todos os campos da existência. Com o termo signatário (do latim *signatum*), desejo reforçar o sentido de algo constituído de forma simbólica,

³⁶ Cfr. Beauvoir (1976:313). “ ‘Une femme doit avoir des caprices’, disait avec autorité un homme à une femme raisonnable. Le caprice est imprévisible; il prête à la femme la grâce de l'eau ondoyante; le mensonge la pare de miroitements fascinants; la coquetterie, la perversité même lui donnent un parfum capiteux”.

³⁷ Cfr. Butler (1990:33).

³⁸ Cfr. Butler (1990:33).

³⁹ Cfr. Rétif (1999:12).

⁴⁰ Cfr. Rétif (1999:13).

capaz de integrar a ressignificação das formas essenciais do registro normativo de uma época. Enquanto movimentos que se posicionam como críticos do traçado convencional de bases isonômicas e que renomeiam o processo de transformação político-social de uma época, o Feminismo se torna o grande registro revolucionário do século XX, com amplas repercussões na atualidade.

Se o século passado vivenciou ditaduras mundiais, o pensamento de Beauvoir e, especificamente, o seu transitar de *Le Deuxième Sexe* para as obras de Memória – memória de um século – refletem a necessidade de se desconfirmarem velhos valores e se assumirem novas posturas que não se reduzem à mesmidade da cultura. Assim é que sua abordagem, através dessa escrita nova⁴¹, que transita entre tradição e futuro, entre filosofia e literatura, acaba por dar ao *feminino* a condição de expressar-se como um dado de valor efervescente.

O sujeito feminino, o indivíduo Mulher a ser assumido, mesmo que de forma heterogênea, pelos movimentos feministas iniciais dos anos 60 e 70, passa a se configurar como uma referência crítica de reflexão, ou seja, uma referência teórica, e um modo de ação e de atuação políticas. Essa referência se constitui como o ato cívico de se debruçar sobre a condição humana, enfocando justamente as questões vitais sobre que se apóiam os dados de domínio e de opressão. Mas se configura também, nos movimentos feministas que relêem o pensamento de Beauvoir, o grande dilema da *alteridade* frente à imortal questão filosófica da *identidade*. A expressividade do Feminismo está assentada na crítica à configuração das relações entre os sujeitos constitutivos de um mundo fragilizado pela ânsia de poder e de saber, perdido nos conflitos entre interioridade e exterioridade. Enquanto o grande movimento político da pós-modernidade, o Feminismo aponta as lacunas desse mundo banalizado por valores de dominação e exploração dos indivíduos, que nem podem se pretender espectadores de uma realidade própria.

3.2. A recepção endógena

O curioso é que, nos contornos da recepção *endógena*, pensamento e ação do sujeito político *feminino* sofrem uma transformação. Os movimentos feministas dos anos 60 e 70 são em parte leitores de *Le Deuxième Sexe*. Na mesma época, Beauvoir vai reconstruindo a memória do século, em seus textos ditos autobiográficos – em que sabemos que há bem pouco de biografia, a não ser em *Mémoires d'une jeune fille rangée*. Como leitora e expectadora das abordagens feministas⁴², ela vê-se inserida num processo de transformação de leituras e recepção, de novos saberes e de contínua ação⁴³. Configura-se a complexa envergadura política do *feminino* na cultura. Os contrastes são significativos, o *epos* da memória não se tece plenamente, mas aponta as fragilidades e as lacunas de um século que teve como grande motor social e político os movimentos feministas. As memórias de Beauvoir apontam o que a consciência humana é capaz de assegurar a si mesma, e, no caso específico de sua filosofia, como ela pensa sobre si

⁴¹ No dinamismo de uma escrita nova surge seu confronto com o texto, que representa a própria consciência histórica. Cfr. Beauvoir (1960:10). “Impossible de faire la lumière sur sa vie sans éclairer, ici ou là, celle des autres. D’ailleurs, les écrivains sont harcelés des questions: Pourquoi écrivez-vous?”

⁴² Cfr. Beauvoir (1972:504). “J’ai lu la littérature féministe américaine, j’ai correspondu avec des militantes, j’en ai rencontré quelques-unes et j’ai été heureuse d’apprendre que le nouveau féminisme américain se réclame du *Deuxième Sexe*.”

⁴³ Cfr. Beauvoir (1972:504). “Là où elles s’éloignent de mon livre, c’est sur le plan pratique: elle refusent de faire confiance à l’avenir, elles veulent prendre dès aujourd’hui leur sort en main. C’est sur ce point que j’ai changé: je leur donne raison.”

mesma enquanto Mulher em situação histórica⁴⁴ escrevendo sobre outras mulheres igualmente em *situação*.

Nessa relação especular, tornou-se ela uma referência valorativa. Apenas para lembrar um acontecimento importante, que para muitas parece bizarro, mas que leio com um olhar mais positivo, pois acredito que fazemos todas parte de um mesmo mundo, diversificado por gêneros, raças, credos, línguas, hábitos e costumes, inserindo-nos todas num grande e paradoxal contexto de humanidade (e não tenho vergonha de pensar assim), aponto uma última relação entre o pensamento de Beauvoir e as transformações feministas: a participação da filósofa na instauração, em 1976, em Bruxelas, do *Tribunal Internacional dos crimes contra a Mulher*. Em *Le Nouvel Observateur* de março de 1976, ela escreve que no Tribunal, diferentemente, do que ocorrera pouco antes no México, em que tomaram parte mulheres como membros de nações ou de grupos políticos, em Bruxelas elas participaram apenas como Mulheres em busca de expressão e da denúncia contra a opressão⁴⁵. O Tribunal se apresenta como um ato político que encontra justamente na **solidariedade** internacional entre as mulheres um grande avanço.

É preciso observar que *Le Deuxième Sexe* provocou realmente algo de grande relevo. Se o universo cultural sempre foi o lugar do preconceito e das segregações, também as mulheres se segregaram mutuamente, na medida em que foram submetidas de alguma forma ao universo masculino. Quando as idéias evocadas naquele livro vão ganhando gradual espaço, surge e ressurgue o processo de **solidariedade** entre as mulheres, não como revide à segregação masculina, mas como um encontro em si mesmas (em nós mesmas) da condição de seu (de nosso) autoreconhecimento.

Não penso, contudo, que isso tenha sido obra miraculosa de *Le Deuxième Sexe*, mas que ele constituiu um momento discursivo filosófico necessário. Sem Beauvoir, como ressalta Schwarzer⁴⁶, possivelmente, as bases dos novos e variados movimentos feministas teriam sido “mais instáveis” e suas conquistas teóricas bem mais penosas.

Penso mesmo que podemos afirmar, ter-se tratado de um momento necessário para que descobríssemos serem viáveis tantas coisas das quais nos orgulhamos a cada dia por termos nascido e nos transformado apenas em Mulheres.

⁴⁴ Cfr. Beauvoir (1972:504). “Maintenant, j’entends par féminisme le fait de se battre pour des revendications proprement féminines, parallèlement à la lutte des classes et je me déclare féministe.”

⁴⁵ Cfr. Beauvoir (1979:566).

⁴⁶ Cfr. Schwarzer (1985:22).

Bibliografía

- ARENDRT, H. (1972), *Entre o passado e o futuro*, trad. port. de M. W. Barbosa de Almeida, São Paulo, Perspectiva.
- BARRANCOS, D. (2008), Introducción. en BARRANCOS, D. (ed.) *Primer Congreso Femenino Internacional de la República Argentina*, Córdoba.,7-19.
- BEAUVOIR, S.de (1984), *La Force de l'âge*. I, Paris, Gallimard. Folio.
- BEAUVOIR, S.de (1976), *Le Deuxième Sexe* I, Paris, Gallimard. Folio.
- BEAUVOIR, S.de (1979) "Préface a Regards Féminins," coll. "Femmes", Denoël-Gonthier, 1976, en FRANCIS, C. et GONTIER, F.(eds.), *Les écrits de Simone de Beauvoir*. La vie-L'écriture, Paris, Gallimard.
- BEAUVOIR, S.de (1972), *Tout compte fait*, Paris, Gallimard.
- BONACCHI, G. (1995), "O contexto e os delineamentos", en BONACCHI, G.et GROPPA, A. (eds), *O dilema da cidadania*. Direito e Deveres das Mulheres, trad. port. de A. Lorencini, São Paulo, EdUSP, 11-25.
- BRANDÃO, Ruth S.(1989),"Passageiras da voz alheia", en BRANDÃO, R.S. et BRANCO, L.C. (eds.), *A mulher escrita*, Rio de Janeiro, Casa-Maria Editorial, 17-20.
- BUTLER, J. (1990), *Gender Trouble*. Feminism and the Subversion of Identity, New York, London, Routledge.
- BUTLER, J. (1986), "Sex and Gender in Simone de Beauvoir's *Second Sex*", en *Yale French Studies* 72.,35-43.
- CARVALHO, M. J. (2002), "Qual cidadania desejamos?" en TIBURI, M. et. al. (eds.), *As Mulheres e a Filosofia*, São Leopoldo, Unisinos, 221-242.
- FEMENÍAS, M L. (2000), "Lecturas sobre contractualismo: Pateman y la escena primitiva", en RUIZ, Alicia E. C (ed.), *Identidad femenina y discurso jurídico*, Buenos Aires, Editorial Biblos. p.85-97.
- HEGEL, G.W.F. (1990), *Princípios da Filosofia do Direito*, 4.ed. Trad. port. de Orlando Vitorino, Lisboa.
- HODGSON-WRIGHT, S. (2006),"Early Feminism", en GAMBLED, S. (ed.), *The Routledge Companion to Feminism and Postfeminism*. New York, Routledge, 3-15.
- HUMPHREYS, S.C. (1982), *The Family, Women and Death*, London:, Routledge & Kegan Paul,1982.
- ISER, W. (1987), *El acto de Leer*. Teoría del efecto estético, Trad. cast. de J. A. Gimbernat, Madrid, Taurus.
- KAIL, M. (2006), *Simone de Beauvoir philosophe*, Paris, Presses Universitaires de France.
- KRUKS, S. (1992), "Gender and Subjectivity: Simone de Beauvoir and Contemporary Feminism" en *Signs*, Chicaco Journals 18,1, Autumn,89-110.
- LE DOUEFF, M. (1980), "Simone de Beauvoir and Existentialism", en *Feminist Studies* 6, 2, 277-289.
- LILAR, S. (1970), *Le Malentendue du Deuxième Sexe*, Paris, Presses Universitaires de France.
- RÉTIF, F.(1999), *Simone de Beauvoir*. L'autre en miroir, Paris, L'Harmattan.
- SARTRE, J-P.(1985), "Qué es la literatura?" en *Escritos sobre literatura*, 1.Trad. cast. de Luis Echávarri, Buenos Aires, Losada; Madrid. Alianza,192-214.
- SCHWARZER, A.(1985), *Simone de Beauvoir hoje*, trad. port. de José Sanz, Rio de Janeiro: Rocco.
- TARRANT, S. (2006), *When sex became gender*, New York, Routledge.